



PERCEPÇÃO DE MULHERES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM ESTUDO EM AREIA - PARAÍBA (PROEXT/MEC/2013)¹

Rodrigo Cirino Mendes; UFPB; rodrigomendesbio@hotmail.com

Tatiana Ferreira de Lima Brito; UFPB; tathattinha@hotmail.com

Sócrates Torres Carneiro; UFPB; socratesup@gmail.com

Emanoel Marcos Medeiro de Azevedo; UFPB; emanoel.mrcs@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As relações de gênero são baseadas em um sistema de relações de poder constituindo um conjunto de papéis, identidades e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens (SOUSA; CARVALHO, 2003). Esses papéis de gênero são frutos da organização simbólica da divisão social do trabalho, sendo, de acordo com Bourdieu (2005), uma construção arbitrária do biológico, dos corpos masculino e feminino, que fundamenta e ainda naturaliza a divisão sexual do trabalho, baseada na visão androcêntrica que se fundamenta na violência simbólica e na formação de *habitus* opostos para meninos e meninas, homens e mulheres. De acordo com Saffioti (2002), a sociedade tende a reafirmar a visão legítima da dominação masculina seja na divisão social do trabalho ou na distribuição das atividades atribuídas a cada um dos sexos.

Para que ocorra alguma mudança na condição social das mulheres, uma das necessidades é que se faça, dentre outras coisas, um trabalho de desvelamento e conscientização acerca do *habitus* androcêntrico, existente em nossa cultura. Silva (2008) afirma que uma vez modificada a cultura, se poderão criar mecanismos de tolerância e até mesmo de aceitação da diversidade. Assim, à medida que os sistemas de significação e representação culturais são produzidos e transformados, todos os sujeitos sociais também sofrem modificação (HALL, 2005). O Programa de Extensão “Quem disse que as mulheres não podem? Educação em Direitos, Esportes e Saúde”, apresentou três ações articuladas e multidisciplinares voltadas às mulheres: a primeira é *Educação em direitos*, que objetivou problematizar e desconstruir representações e relações de gênero preconceituosas e

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Extensão: “Quem Disse Que As Mulheres Não Podem? Educação em Direitos, Esportes” (PROEXT/MEC), executado no ano de 2013, coordenado pela Professora Anita Leocádia Pereira dos Santos, DCFS/CCA/UFPB.



discriminatórias; a segunda ação proposta de *Educação em esportes de aventura* visou contribuir para o rompimento dos estereótipos machistas ainda presentes nesses esportes. A terceira Ação de *Educação em atividade física e saúde* em que foram proporcionadas práticas de atividades físicas moderadas, favorecendo a saúde e a adoção de um estilo de vida mais ativo.

A segunda ação proposta não foi realizada por motivo de afastamento para capacitação do docente responsável e a terceira ação foi realizada, mas não será discutida neste trabalho. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é identificar e discutir as percepções das mulheres atendidas pelas oficinas da ação *Educação em direitos*, do Programa de Extensão realizadas no Centro Social Urbano – CSU e na Comunidade da Chã de Jardim no município de Areia – PB, sobre as violências de gênero, doméstica e simbólica com o intuito de provocar um processo de esclarecimento e conscientização para que elas possam compreender a construção histórica da submissão feminina e da conquista dos direitos para a mudança da posição social da mulher baseada na hegemonia masculina que persiste até os dias de hoje.

METODOLOGIA

Este estudo se originou a partir das oficinas realizadas entre junho e julho de 2013, semanalmente, com mulheres voluntárias cadastradas no Programa do Leite Fome Zero. Estas oficinas consistiram na apresentação dos conceitos de gênero, violência de gênero, violência doméstica e violência simbólica; além da discussão e reflexão em torno do vídeo Vida Maria (Márcio Ramos, 2006); do Livro Amor Louco (Steiner, 2009), e de uma dinâmica com encenações de histórias fictícias sobre diversos casos de violência doméstica, sendo abordados todos os tipos de violência: física, patrimonial, moral, psicológica e sexual, em conformidade com a tipologia adotada pela Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).

A amostra desse estudo foi composta de 30 mulheres, com idades entre 17 e 60 anos. Essa amostra é representada, majoritariamente, por mães com até quatro filhos, casadas, solteiras ou de união estável, com grau de escolaridade variando do Ensino Fundamental incompleto para o Ensino Médio completo. Elas se declaram “secretárias do lar”, e muitas delas exercem alguma atividade remunerada fora de casa, seja como diaristas, agricultoras, auxiliares de serviços gerais ou doceiras.



Para preservar as identidades destas mulheres, seus discursos são registrados e identificados pelas iniciais de seu nome e a idade. Os registros desse estudo foram obtidos por meio de entrevistas de grupo e também de registros e reflexões dos bolsistas do Programa, ao longo das atividades desenvolvidas, compondo, dessa forma, uma pesquisa de caráter social com abordagem de investigação qualitativa. Os dados foram analisados sob o aporte teórico dos Estudos de Gênero e da teoria da Dominação Masculina (BOURDIEU, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos conceitos de gênero, violência de gênero, violência doméstica e violência simbólica foi feita com o objetivo de permitir a aprendizagem teórico-prática destes termos. A apresentação e discussão dos conceitos provocaram no público uma reflexão sobre os papéis. Para facilitar o debate sobre os conceitos trabalhados foi utilizado o vídeo Vida Maria (2006) e as reflexões das mulheres envolvidas no projeto evidenciaram novas aprendizagens em gênero:

Antes desse curso (Atividades do projeto de Extensão) achava que essa vida do filme de Maria era normal, que nós mulheres temos o dever de cuidar da casa e dos nossos filhos e os homens de trabalhar e sustentar” (JDM, 37).

[...] a Maria não sofre violência apenas da mãe não, pois a mãe dela foi criada assim e do mesmo jeito a avó. Alguém tinha que mudar isso! [...] acho que o governo. (ICF, 32 anos).

A reflexão em torno do curta “Vida Maria” permitiu que essas mulheres refletissem que a menina Maria sofria violência na/da família de forma mais imediata e também dos aparelhos do Estado em virtude da conjuntura de privações ao acesso à educação digna. Como um efeito repetitivo, ao longo das gerações de Marias, o vídeo reafirmou nas mulheres a crítica de que o ser humano é educado a ser homem ou mulher e que a sociedade institui os espaços próprios aos sexos, não sendo determinados pela biologia.

A discussão do texto do livro Amor Louco (Steiner, 2009) foi utilizada como facilitador do debate sobre o conceito de violência doméstica. Nesse texto, a autora expõe que sofreu violência doméstica, fazendo um paralelo de cada fato ocorrido com os sinais padrões desta violência com o objetivo de auxiliar “as sobreviventes da violência doméstica a se libertarem desse ciclo”. O público acompanhou



atentamente o texto do livro, se identificando e algumas vezes discordando da atitude da autora que sofreu a violência:

Só não entendo como uma mulher como ela aguentou apanhar, se eu ganhasse meu próprio dinheiro e não tivesse filhos, eu ia era embora e deixava-o sozinho (ACS, 33 anos).

A história dela não foi muito diferente da minha; à medida que ia se desenrolando a história, eu fui recordando de muita coisa que aconteceu comigo (MGF, 27 anos).

Além das discussões proporcionadas pelas atividades acima, a dinâmica sobre os casos fictícios de violência doméstica foi de grande importância, uma vez que diante das histórias contadas às mulheres puderam perceber os tipos de violência e ainda se sentiram impelidas a relatar casos que aconteceram durante as suas vidas:

Meu pai era alcoólatra e pegava as coisas de casa para vender, minha mãe passou muitos anos vivendo assim até que um dia se separou, mas mesmo separada ela quem pagava o aluguel da casa dele porque ele não trabalhava, mas agora entendo que ela sofria de violência patrimonial (APFS, 22 anos).

Ao longo desta dinâmica, as mulheres identificaram bem os tipos de violências domésticas nos casos, porém os tipos de violência mais sutis como a patrimonial, elas perceberam com a reflexão dessa dinâmica que inclusive abriu espaço para discussão do conceito de violência simbólica:

Conheço muitas mulheres que quando se casam mudam a roupa, deixam de se arrumar só porque já arrumaram alguém, deixam os amigos só por conta do marido (MSSS, 43 anos).

Conheço uma menina que uma semana depois de casada gente da própria família estava reclamando da roupa dela, ela é jovem e gosta de roupas mais curtas, mas a família passou a ignorá-la e a se afastar dela só porque agora ela é casada e usa roupas curtas.”. (MJS, 57 anos).

Assim, pode-se perceber que, a violência simbólica é praticada e se perpetua a partir das renúncias das vítimas e das punições sociais empreendidas pelas pessoas da comunidade estudada, além de evidenciar-se que o embelezamento do corpo feminino está diretamente relacionado com a visão, a concessão ou proibição masculina às mulheres que continuam a mudar os comportamentos depois de casadas, por meio de regulação ou autorregulação social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as manifestações ocorridas pelas participantes tanto no decorrer dos encontros referidos nesse trabalho como nos relatos apresentados ao final do Programa de Extensão, houve resultados significativos nas formas de compreender e de agir destas mulheres no tocante às questões de gênero e na reconstrução de autoimagem, tanto que solicitaram inclusive a continuidade das ações do Programa de Extensão.

Ressalta-se que elas indicaram a necessidade de continuar aprendendo e que não gostariam de perder um espaço de conversa sobre seus problemas. Confirma-se, portanto, a necessidade de se fazer um trabalho educativo junto às mulheres, sobre suas problemáticas, como desenvolvido ao longo das discussões nestas oficinas, para que elas possam se reconhecer como sujeitos e exigir o respeito e o cumprimento dos seus direitos sociais e individuais.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13.

RAMOS, J. ; RAMOS, M. **Vida Maria** [Curta-Metragem] Produção de Joelma Ramos, direção de Márcio Ramos. Ceará, VIACG Produção Digital – TrioFilmes, 2006. Duração: 8 min. e 35 seg.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero**. Labrys, Estudos Feministas, no 1-2, julho/dezembro 2002.

SILVA, F. F. Linguagens, Estilos, Adornos Corporais...: a produção das identidades adolescentes na contemporaneidade. In: SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Orgs.) **Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências**. 2ªed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.

SOUSA, V. A.; CARVALHO, M. E. P. **Por uma Educação Escolar Não-Sexista**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.

STEINER, L. M. **Amor Louco**. Tradução de Isabel Fraga. Lisboa: Editora Espuma dos Dias, 2009. 280p.